

Amputações de fala

Muitos comentaristas, incluindo eu, relataram o desenvolvimento de não mais usar expressões e palavras que fazem parte do jargão comum há gerações, apenas porque na nova sensibilidade alguma pessoa ou grupo social pode se sentir desvalorizado ou até mesmo assediado racialmente. Em alguns países, como na Alemanha, isso é levado com muita precisão e seriedade, como todos sabemos, corresponde ao caráter alemão. É por isso que o termo *Mohr* desapareceu da língua por algum tempo e até mesmo estabelecimentos, como restaurantes, que levavam esse nome mudaram silenciosamente seus nomes. No uso da linguagem, muitas vezes recorre-se a descrições muito floridas ou até engraçadas.

No entanto, o novo governo brasileiro deu um passo além. Com a generosa composição do gabinete, inventou-se também um Ministério da Integração Racial. Isso foi confiado a uma ativista que tem uma história familiar trágica, já que sua irmã, vereadora no Rio de Janeiro, foi morta a tiros na rua e esse assassinato ainda não foi totalmente resolvido, nem as pessoas reais por trás dele foram condenadas. Não se deve pensar que a nomeação de Anielle Franco como ministra deva ser uma reparação, porque certamente ela tem uma boa qualificação para ocupar esse cargo. Mas vimos, ouvimos e lemos muito pouco sobre isso. Na semana passada, ela tratou da palavra *negro* em uma entrevista de rádio, e então ela estava completamente em seu elemento como militante antirracismo. Em um depoimento de mais de um minuto, ela detalhou e cobrou que a ciência ainda operasse com essas palavras preconceituosas como "*preto*". Semanas atrás, quando os astrônomos continuaram a explorar o universo e descobriram a última mancha escura, eles o nomearam – o *buraco negro*. Segundo a ministra, no entanto, seria melhor que a ciência se expressasse de forma diferente e parasse de usar essa palavra racista. Ao ser questionada pela entrevistadora se o *Rio Negro* e as *Agulhas Negras* também deveriam ser renomeados, ela confirmou. Ou seja, a cor preta é, segundo ela, uma palavra racista e deve ser evitada se possível.

Se isso abrisse um precedente na Alemanha, eu já teria medo pela minha amada Floresta Negra.

Sprachamputationen

Über die Entwicklung Ausdrücke und Worte nicht mehr zu benutzen die seit Generation zum allgemeinen Sprachgebrauch gehörten, nur weil in der neuen

Empfindlichkeit sich irgendeine Person oder gesellschaftliche Gruppe unterbewertet oder gar rassistisch belästigt fühlen könnte, haben viele Kommentaristen des öfteren berichtet. In manchen Ländern, wie Deutschland wird das sehr genau und ernst genommen, das entspricht ja bekanntlich dem deutschen Wesen. Deshalb ist der Begriff Mohr schon eine ganze Weile aus dem Sprachgebrauch verschwunden und auch Einrichtungen, wie Gaststätten die diesen Namen trugen, haben ganz im Stillen ihren Namen geändert. Im Sprachgebrauch ist man dann oft auf sehr blumige oder gar lustige Umschreibungen ausgewichen.

Die neue brasilianische Regierung ist da jedoch noch einen Schritt weiter gegangen. Bei der grosszügigen Zusammensetzung des Kabinetts wurde auch ein Ministerium für Rassenintegration erfunden. Dies hat man einer Aktivistin übertragen, die eine tragische Familiengeschichte hat, da ihre Schwester, eine Stadtverordnete in Rio de Janeiro, auf offener Strasse erschossen wurde und dieser Mord bis heute nicht völlig aufgeklärt wurde, noch die wirklichen Hintermänner verurteilt wurden. Man sollte nun nicht glauben, dass die Ernennung von Anielle Franco zur Ministerin eine Wiedergutmachung darstellen sollte, denn sicher hat sie eine gute Qualifikation um dieses Amt auszufüllen. Nur gesehen, gehört und gelesen hat man darüber noch recht wenig. Lediglich letzte Woche hat sie sich mit dem Wort *schwarz* in einem Radiointerview beschäftigt, und da war sie ganz in ihrem Element der Antirassismusmilitantin. In einem minutenlangen Statement führte sie aus und klagte an, dass die Wissenschaft immernoch mit diesen Vorurteilswörtern wie *-schwarz -* operieren würde. Als Astronomen vor Wochen weiter im Universum forschten und die letzte dunkle Stelle entdeckten, nannten sie diese – das *schwarze Loch* -. Laut der Ministerin sollte die Wissenschaft sich aber besser anders ausdrücken und dieses rassistische Wort nicht mehr verwenden. Auf die Frage der Interviewerin ob man dann auch den *Rio Negro* und die *Agulhas Negras* umbenennen sollte, bestätigte sie dies. Mit anderen Worten, die Farbe schwarz ist nach ihrer Auffassung ein rassistisches Wort und sollte möglichst nicht mehr verwendet werden.

Wenn dies in Deutschland Schule machen würde, hätte ich schon Angst um meinen geliebten Schwarzwald.